



O discurso do empreendedor cultural e seus reflexos na cena alternativa da cidade de Pelotas (RS)¹

Matheus Islabão Martins²

Larissa Ferreira Tavares³

Marcio Silva Rodrigues⁴

-
- 1 Uma versão deste texto foi apresentada, em 2015, no III Congresso Brasileiro de Estudos Organizacionais, realizado em Vitória/ES.
 - 2 Graduado em administração pela Universidade Federal de Pelotas). E-mail: matheus.imartins88@gmail.com
 - 3 Mestre em sociologia pela Universidade Federal de Pelotas e professora do Instituto de Ciências Econômicas, Administrativas e Contábeis da Universidade Federal do Rio Grande. E-mail: larissaftavares@gmail.com
 - 4 Doutor em administração pela Universidade Federal de Santa Catarina e professor do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pelotas. E-mail: marciosilvarodrigues@gmail.com

RESUMO

A recente alteração na definição do papel do Estado, intimamente relacionada com a emergência do discurso neoliberal, faz surgir novas configurações políticas, econômicas e sociais. Nesse cenário, surge a figura do empreendedor cultural, um indivíduo que deve ser capaz de encontrar equilíbrio entre suas aspirações pessoais e as demandas mercadológicas. Dessa forma, o objetivo deste estudo é verificar como os artistas e atores da cena alternativa pelotense percebem os impactos causados pelo discurso acerca do empreendedorismo no processo de produção cultural. Esta pesquisa qualitativa ouviu sete atores culturais, de diferentes segmentos, utilizando-se de entrevistas semiestruturadas. A partir da análise, é possível observar que grande parte dos atores culturais percebem as influências do discurso empreendedor, apesar de entenderem que este não afeta de maneira significativa seu trabalho.

Palavras-chave: *Empreendedorismo. Empreendedor cultural. Neoliberalismo. Empresa.*

ABSTRACT

The recent change in the definition of the role of the state, closely related to the emergence of neoliberal discourse, raises new political, economic and social settings. In this context, there is the figure of the cultural entrepreneur, this young guy should be able to find balance between their personal aspirations and market demands. Thus, the aim of this study is to see how the artists and alternative cultural actors perceive the impacts caused by the entrepreneurship discourse in the cultural production process. This qualitative propose, interviewed seven cultural actors from different segments, using semi-structured interviews. From the analysis, it is possible see that much of the cultural actors realize the influences of entrepreneurial discourse, although they understand that this does not affect significantly in their work.

Keywords: *Entrepreneurship. Cultural Entrepreneur. Neoliberalism. Enterprise.*

INTRODUÇÃO

A partir da segunda metade do século XX, um modelo de Estado neoliberal ganha força frente às políticas keynesianas. Refletindo o discurso de esgotamento do modelo de Estado de Bem-Estar Social e de flexibilização do trabalho, tal modelo orienta-se por uma racionalidade (ideias e práticas), que consiste em reduzir sua esfera pública, reconstruir sua regulamentação para expandir a esfera privada, sem, contudo, tornar-se uma instituição fraca. (DARDOT; LAVAL, 2009) Esse conjunto de ideias, valores e práticas, assenta-se, dentre outros aspectos, em dois elementos centrais: a) a intensificação da adoção das características da economia de mercado para decifrar, analisar e ordenar fenômenos não propriamente econômicos; e b) a generalização da forma empresa, isto é, a elevação da empresa como modelo social universalmente generalizável (como elemento de organização social e/ou como forma organizacional central). (FOUCAULT, 2008) Nesse cenário, no qual a economia torna-se a lente utilizada pelas nações, deixando para segundo plano as esferas política e social, torna-se predominante o discurso do empreendedorismo como ferramenta capaz de estabelecer uma base sólida para o alcance do desenvolvimento econômico. (TAVARES, 2014) Dessa forma,

o termo “empreendedorismo” tem recebido grande destaque nas discussões econômicas e sociais, nas esferas públicas e privadas. Segundo Leite e Melo (2008), isso se deve ao grande volume de publicações acerca desse tema, fato este que, conseqüentemente, acaba por legitimar e naturalizar o assunto. Segundo as referidas autoras, a institucionalização desse tópico se deu de forma concomitante à popularização de teorias acadêmicas nas mídias de massa. Como consequência, pode-se notar uma considerável influência dessa disciplina em outros espaços tradicionalmente não econômicos, como a cultura. De acordo com Loacker (2013), dadas as atuais orientações neoliberais e a conseqüente mudança na relação entre Estado, arte e cultura, a responsabilidade pelo apoio às artes e à cultura deixa de ser um papel desenvolvido pelo Estado, cabendo ao artista e às organizações do campo prover o próprio desenvolvimento do setor.

A conhecida expressão popular “arte pela arte” não se aplica mais hoje em dia, pelo menos não sem enfrentar grandes resistências. O que se tem hoje é um cenário em que boa parte das práticas culturais só consegue alcançar sua legitimidade se tiver a capacidade de gerar retorno (do investimento), emprego, renda e desenvolvimento, tanto social como econômico. Dessa forma, a arte e a cultura, de uma maneira geral, acabam por sofrer uma diminuição de seu caráter subjetivo, na mesma proporção em que passam a ser dotadas de uma racionalidade objetiva de meio-fim. (LOACKER, 2013)

Intimamente relacionada à centralidade da empresa em nosso mundo (DARDOT E LAVAL, 2009; RODRIGUES, 2013), o discurso do empreendedor – nesse caso, o empreendedor cultural – passa a ser um veículo que legitima essa diminuição da atuação do Estado e passa a responsabilizar os artistas e demais agentes culturais pelo seu próprio desenvolvimento. Dessa forma, percebe-se a generalização do discurso empreendedor por parte do Estado e demais agentes, como o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e

Pequenas Empresas (Sebrae), por exemplo, no sentido de estabelecer uma naturalização dessa forma de ação.

Partindo dessas considerações, o presente estudo tem como objetivo analisar como alguns dos principais artistas e atores culturais da cena alternativa da cidade de Pelotas percebem os impactos causados pelo discurso acerca do empreendedorismo no processo de produção cultural. Essa escolha, por analisar o contexto cultural e artístico alternativo da cidade de Pelotas, se justifica, uma vez que já é possível identificar a adoção de traços de uma lógica mercadológica e empresarial em determinados aspectos e agentes envolvidos nesse cenário. Dessa forma, optou-se por trabalhar com os grupos alternativos locais na intenção de se verificar como eles lidam com essa influência mercadológica nesse contexto e se há resistência frente a essa lógica, bem como de que forma ela se estabelece.

REFERENCIAL TEÓRICO

Com o objetivo de sustentar esta pesquisa, a seguir serão delineados os principais tópicos que nos auxiliarão a contextualizar melhor a discussão. Desse modo, o referencial teórico foi estruturado da seguinte maneira: primeiramente, realiza-se uma atualização da ideia de empreendedorismo, revisando-se brevemente também as principais concepções acerca do tema; por fim, busca-se relacionar esses aspectos na tentativa de entender como eles convergem para o desenvolvimento da figura do empreendedor cultural.

Empreendedorismo: definições clássicas e ressignificações contemporâneas

De acordo com Filion (1999) e Dornelas (2008), a origem do termo “empreendedor” remonta à Idade Média. No entanto, esses mesmos autores parecem concordar que um dos primeiros usos do termo como algo relacionado ao risco, à incerteza e à tomada de decisão foi realizado, no século XVII, pelo economista Richard Cantillon. Para ele, o empreendedor é aquele indivíduo responsável por criar ou

gerenciar uma empresa, cuja competência essencial está na capacidade de assumir que dirigir uma empresa é, necessariamente, decidir sobre uma incerteza permanente e total. (FILION, 1999; SOLÉ, 2008 apud RODRIGUES, 2013)

No século seguinte, em 1814, o economista francês Jean-Baptiste Say utilizou o termo “empreendedor” para identificar o indivíduo que transfere recursos econômicos de um setor de produtividade baixa para um setor de produtividade mais elevada. (DANTAS, 2008) Professor do Collège de France, Say elaborou uma teoria das funções do empresário, atribuindo-lhe um papel de especial importância na dinâmica de crescimento da economia. Tal teórico contribuiu para o pensamento econômico ao considerar o empreendedorismo como o quarto fator de produção juntamente com os demais fatores, a saber: terra, trabalho e capital. (DANTAS, 2008; FILION, 1999)

Outro que também buscou entender quem era o empreendedor e qual a sua função na sociedade foi o economista Werner Sombart. Considerando que cada época reflete atitudes diferentes em relação à atividade, Sombart defende que no auge do capitalismo os únicos organizadores do processo econômico predominante são os burgueses (empresários/empreendedores) e não mais o Estado. (DANTAS, 2008) Para ele, esse novo sujeito capitalista, formado a partir da combinação entre o homem real e o impulso criativo, teria a função de organizar o processo econômico, alicerçado em dois pilares fundamentais: o afã pelo lucro e o racionalismo econômico. (DANTAS, 2008)

No entanto, é normalmente através de Joseph Alois Schumpeter, um contemporâneo de Sombart, que o termo “empreendedor” é resgatado dos clássicos. Ao explicar como ocorrem as mudanças descontínuas no fluxo circular que provocam o desenvolvimento econômico, Schumpeter atribuiu um papel de destaque à figura do empreendedor. Segundo ele, ao levar a cabo novas combinações (normalmente através do uso do crédito), o empreendedor é o principal

responsável pelo desenvolvimento econômico. (SCHUMPETER, 1988) Desse modo, para Schumpeter (1988), empreender é inovar no sentido de trazer condições para que haja uma transformação radical onde o empreendedor⁵ atua.

Afora Schumpeter, também cabe algumas considerações sobre outro importante autor da área: David McClelland. Ao priorizar as características psicológicas e comportamentais do empreendedor, McClelland defende a ideia de que o progresso econômico está intimamente relacionado com a necessidade de realização de determinada sociedade. Assim, o autor defende que quanto maior a necessidade de realização de determinada sociedade, maior será o nível de desenvolvimento alcançado por ela. Nesse sentido, o indivíduo empreendedor não seria norteado por aspectos meramente econômicos, mas sim por um constante desejo de realização. (LÓPEZ-RUIZ, 2004; MELO, 2008)

Alguns anos mais tarde, as transformações do papel do Estado e as mudanças no mundo do trabalho proporcionadas pelo discurso da flexibilização contribuíram para fazer emergir uma zona cinzenta,

uma zona nebulosa em que o trabalho perde espaço para a empresa como referencial de mundo, não por ser este o lugar da acumulação de capital ou o lugar onde ganha-se o sustento ou é possível dignificar-se com o trabalho, mas por ser o lugar onde empreende-se, onde incentiva-se a disposição de aprendizado constante, que estimula o estar aberto para viver coisas novas e desprender-se das antigas, o lugar onde a racionalidade instrumental coloniza a subjetividade do indivíduo e canaliza-a para o exercício da ação de voltar-se para si mesmo. (BARBOSA, 2011, p. 138)

-
- 5 De acordo com Schumpeter (1988), o empreendedor apresenta características excepcionais que o tornam "acima da média" e são motivados não apenas pelas questões econômicas. O sentido de sua ação assenta-se no sonho e desejo de fundar um reino privado, no desejo de conquistar, no impulso para lutar, no esforço para provar-se superior aos outros e na alegria de criar e fazer coisas novas. (SCHUMPETER, 1988, p. 65)

Essa zona contribuiu, dentre outros aspectos, à ampliação da noção de empreendedorismo. Para Costa, Barros e Carvalho (2011), se antes o comportamento empreendedor era algo raro, capacidade encontrada em alguns poucos indivíduos, hoje ele passa a ser de fundamental importância para o desenvolvimento econômico. Portanto, nesse cenário, o comportamento empreendedor passa a ser estimulado de todas as formas possíveis, isto é, sob a lógica e o controle da empresa, a ideia de empreendedorismo adquire papel primordial na sociedade: assegurar que cada indivíduo assuma, como suas, as metas de reprodução do sistema capitalista. (COSTA; BARROS; CARVALHO, 2011)

Com isso, alertam para o fato de que o discurso acerca do empreendedorismo passou a ser naturalizado sem a necessária análise sobre as reais implicações que ele produz nas relações trabalhistas e sociais. Apoiando-se, a partir desse ponto, em Boltanski e Chiapello (2009), os autores defendem que o empreendedorismo passou a atuar como principal discurso do espírito do atual capitalismo. Dito de outra maneira, o empreendedorismo passa a atuar como instrumento legitimador de uma forma de conduta que atenda às demandas flexíveis desse novo mercado. Ele passa a justificar a adoção das novas configurações trabalhistas, além de naturalizar o contexto de insegurança e competitividade vistos atualmente.

Nesse novo cenário, os indivíduos são entendidos como pequenas unidades produtivas, uma microempresa individual, e são constantemente avaliados pelos investimentos que fazem para desenvolver seu capital humano. A partir de então, o discurso do empreendedorismo surge como ferramenta capaz de oferecer uma alternativa aos atuais problemas sociais e econômicos. Conforme Costa (2009) destaca,

a disseminação dessa cultura, sempre em estreita conexão com a educação, com escolas, com projetos sociais e assistenciais, esportivos e de formação técnico-profissional, vem sendo feita de tal modo a ampliar-se progressivamente,

como estando associada a virtualmente tudo o que seria decisivo e bom não só para o sucesso dos indivíduos, em particular, mas também para o progresso, o desenvolvimento sustentável e o bem-estar de toda a sociedade. Não seria exagerado dizer, nesses termos, que o culto ao empreendedorismo vem sendo apresentado como a panaceia para os males do país e do mundo. (COSTA, 2009)

O empreendedor cultural

Como visto, o empreendedorismo passa a ser referência para a postura dos indivíduos e isso se manifesta também no contexto cultural e em seus agentes. De acordo com Loacker (2013), a recente transformação do segmento cultural e artístico, notadamente através das ações infundidas pelas indústrias culturais, são reflexos das alterações promovidas pelas demandas da racionalidade neoliberal. (DARDOT; LAVAL, 2009)

Ao analisar as transformações ocorridas no cenário cultural europeu, Loacher (2013) destaca que, até a segunda metade do século XX, o campo da cultura estava sob a responsabilidade do Estado, o qual fornecia o suporte necessário a todos os seus agentes e instituições. Além disso, destaca ainda que a independência e autonomia dos artistas eram entendidas como condições necessárias para a prática artística.

Contudo, a partir de 1992, esse segmento foi remodelado, quando passou a ser entendido, através das indústrias culturais, como não mais sendo antagônico aos imperativos econômicos. Já no final dos anos 1990, na Inglaterra, as indústrias culturais são substituídas pelas indústrias criativas. (LOACKER, 2013)

Nessa nova realidade, não existe mais o apoio incondicional do Estado ao cenário artístico. Na verdade, o que se tem hoje é a autorresponsabilização dos artistas e organizações artísticas pela sua condição de existência. A autora destaca que, a partir de agora, artistas e organizações precisam se mostrar atrativos para terem alguma condição de concorrer a subsídios governamentais ou ao apoio de patrocinadores

privados. Além disso, esses subsídios são tidos como investimentos e, portanto, espera-se que haja retorno dessa aplicação. Dessa forma, artistas e organizações se veem constantemente obrigados a provar publicamente seu valor.

Além da alteração do contexto cultural, houve também a alteração da imagem do artista. Como destacado, o artista não tem mais aquela imagem inconformada e rebelde, como tinha no século XIX. Hoje, através das políticas das indústrias criativas, esse indivíduo passa a ocupar o centro da sociedade, sendo reposicionado como um empreendedor cultural. Em outras palavras, esse novo profissional passa a alinhar o seu idealismo com o materialismo calculado. Dessa forma, esse novo perfil combina características culturais, de um lado, com características demandadas pelo mercado, de outro. (LOACKER, 2013)

Através da realização de entrevistas com pessoas envolvidas com a produção teatral em Viena, Loacker (2013) destaca alguns pontos interessantes que puderam ser percebidos no discurso desses profissionais. Pode-se notar que tais profissionais, apesar de a maioria não conhecer especificamente a denominação de indústrias criativas e suas políticas, percebem as mudanças que estão ocorrendo na área atualmente. Dentre elas, as principais alterações destacadas foram a redução do apoio estatal, ambiente de intensa rivalidade, competição e insegurança, autorresponsabilização e demandas mercadológicas cada vez maiores. Contudo, em relação às novas características demandadas atualmente, a autora salienta algumas contradições nas respostas dos entrevistados. Por exemplo, a individualização parece ser aceita, ao passo que a competição individualizada é renunciada. As incertezas econômicas e sociais são parcialmente problematizadas, ao mesmo tempo em que se afirma que a estabilidade e previsibilidade são tidas como características que não combinam com o contexto cultural.

Acerca das mudanças ocorridas recentemente no cenário cultural e a forma com que elas influenciam os profissionais da área na cidade de São Paulo, Bendassoli e Wood Jr. (2010) afirmam que,

a despeito de tais mudanças, é provável que o paradoxo de Mozart persista, na medida em que os artistas, agora atuando nas denominadas indústrias criativas, continuam buscando sua auto-realização e autonomia num enquadre econômico em que são pressionados a comercializar de forma bem sucedida seus talentos, competências e “obras”. (BENDASSOLLI; WOOD JR, 2010)

Pela expressão “paradoxo de Mozart” os autores entendem a situação conflitante do artista ao tentar conciliar sua criação artística, suas demandas pessoais, com as demandas do público e do mercado. Nesse estudo, Bendassoli e Wood Jr. (2010), a partir de entrevistas realizadas com profissionais de diferentes áreas artísticas, definiram quatro competências necessárias à execução de profissões artísticas, quais sejam: talento, ascetismo, cognição e comunicação. Conforme salientado pelos autores, de maneira curiosa, a capacidade empreendedora foi citada diretamente por apenas um entrevistado. Contudo, pode-se perceber, através das respostas de outros artistas, que eles passam a internalizar, com frequência cada vez maior, um comportamento tipicamente empresarial como, por exemplo, ao adotar a diversificação de sua produção, de forma a agradar diferentes públicos e diminuir os riscos; a diminuição da produção, de forma a reduzir a oferta e, conseqüentemente, tornar a obra mais valorizada; além do envolvimento com produções que possuam uma orientação mais inclinada às demandas de mercado, de forma a garantir a sustentação de produções mais pessoais. Analisando esses comportamentos, pode-se inferir que, ainda que o empreendedorismo não seja claramente identificado pelos próprios atores do campo como um conjunto de atitudes necessárias ao artista

em sua profissão, eles acabam por adotar, ainda que inconscientemente, uma postura empresarial como forma de aumentar suas chances de sucesso no ambiente profissional.

METODOLOGIA

Com o intuito de atender ao objetivo proposto, esta pesquisa, de caráter predominantemente qualitativo, buscou descrever, analisar e comparar, à luz do referencial teórico mencionado, como algumas organizações/atores da cena cultural alternativa de Pelotas percebem o discurso do empreendedorismo, em especial, do empreendedorismo cultural. Conforme Vieira e Zouain (2004), a pesquisa qualitativa é caracterizada fundamentalmente por análises qualitativas, além de possuir como característica a não utilização da análise estatística dos dados. Contudo, conforme ressaltam os autores, o fato de não utilizar essas ferramentas estatísticas não significa dizer que as análises qualitativas sejam meras proposições subjetivas. Minayo (2001) corrobora nesse sentido ao afirmar que a pesquisa qualitativa trata de questões particulares da realidade que não podem ser quantificadas. Para tanto, dada a dificuldade em obter dados secundários sobre o campo, essa pesquisa foi desenvolvida basicamente a partir de dados primários, coletados através de entrevistas semiestruturadas. Ao todo foram realizadas sete entrevistas com alguns dos atores que mais se destacam no cenário cultural e artístico alternativo do município (seleção por julgamento). Dentre os entrevistados, podem-se ressaltar alguns dos principais projetos do cenário cultural pelo-tense como, por exemplo, o movimento Piquenique Cultural, que trabalha a valorização dos espaços públicos através das artes desde 2010; o grupo de extensão Patafísica, da Universidade Federal de Pelotas, que realiza mediações de exposições culturais desde 2012; e o espaço de arte independente Casa Paralela, que atua há cinco anos no fomento de exposições de artistas, tanto locais como de outras cidades. Ouviu-se também o grupo de dança Trem do Sul,

que atua desde 2006, e a Galeria Ágape Espaço de Arte, que oferece aulas, cursos, oficinas e exposições artísticas desde 2010. Por fim, foram ouvidos dois produtores musicais, com experiência no ramo da música autoral local, sendo um deles o responsável pelo Galpão do Rock, um espaço alternativo tradicional de música na cidade de Pelotas.

A análise das entrevistas foi realizada levando-se em consideração os elementos desenvolvidos a partir da fundamentação teórica, visíveis no Quadro 1. Assim, após a gravação e a transcrição das entrevistas, realizou-se a organização do material, a categorização (conforme o referido quadro), a análise e o confronto das repostas com a perspectiva teórica adotada aqui.

Quadro 1. Operacionalização da análise acerca da influência do discurso empreendedor sobre os atores culturais

CATEGORIA	INDICADORES	ELEMENTOS ANALISADOS
EMPREENDEDORISMO (CULTURAL)	PAPEL DO ESTADO	Redefinição da atuação do Estado
		Autorresponsabilização
	MERCADO COMO AGENTE CENTRAL	Preocupação com o mercado
		Competitividade
	ADOÇÃO DA FORMA EMPRESA	Formalização
		Linguagem empresarial
		Uso de técnicas empresariais

Fonte: Elaboração do autor.

ANÁLISE DE DADOS

De acordo com a metodologia definida no capítulo anterior, o presente capítulo apresenta a análise dos dados levantados na intenção de verificar a forma com que os entrevistados percebem as mudanças no

perfil dos atores culturais da cidade de Pelotas, bem como as influências que os mesmos recebem do mercado. No capítulo seguinte são apresentadas as considerações finais.

Em relação à categoria estabelecida, buscou-se analisar como o discurso empreendedor reflete no comportamento dos artistas e atores culturais da cidade de Pelotas. Para isso, decidiu-se levantar questões que tratassem da crescente necessidade de formalização dos agentes culturais; verificar como a necessidade do uso de ferramentas empresariais é percebida por esses atores, bem como a apropriação de uma linguagem tipicamente empresarial. Além disso, buscou-se identificar como esses atores se relacionam com o mercado, como lidam com suas influências e tendências e de que forma eles percebem o atual papel desenvolvido pelo Estado.

Papel do Estado

Com o objetivo de analisar os indicadores “papel do Estado” e “preocupação com o mercado”, partindo da teoria apresentada por Foucault (2008), Hamann (2012), Loacker (2013) e Anderson (1995), entre outros, optou-se por dividir esses indicadores nos seguintes traços: redefinição do papel do estado, autorresponsabilização, preocupação com o mercado e competitividade.

Quanto ao traço “redefinição do papel do Estado”, apesar de ser uma das características centrais da forma de atuação estatal nos moldes neoliberais, pode-se notar que, pelo menos na cidade de Pelotas, o Estado ainda oferece certo aporte para os artistas e atores culturais, conforme observa o entrevistado 3:

Acho que a ajuda que a gente mais teve foi da própria prefeitura da cidade. Mas não era uma parceira. Às vezes era um apoio, uma troca... a gente prestava algumas oficinas pra algumas entidades sociais que pertencem à prefeitura e tal... algumas trocas... aí tu faz uma troca, eles te oferecem alguma coisa, tu oferece outra né... (ENTREVISTADO 3)

Ainda que se perceba um condicionamento por parte da prefeitura, ao fornecer apoio em troca de outras atividades oferecidas pelo grupo, essa relação entre o grupo de dança e o órgão público é de grande importância para a manutenção de suas atividades.

Nessa mesma linha, pode-se perceber que a atuação da Prefeitura de Pelotas ainda é capaz de manter um determinado comportamento de fomento aos agentes culturais, ainda que suas ações nessa área sejam caracterizadas principalmente na forma de editais. Isso fica claro na fala do entrevistado 5, quando salienta:

Cara, eu sinceramente acho que a prefeitura... eu não falo de governo A ou B, mas analisando as últimas quatro gestões, a prefeitura meio que avançou. A prefeitura tem o Pró-cultura... também tem um limite ali do que pode fazer. (ENTREVISTADO 5)

Ainda em relação à redefinição do papel do Estado, Barbosa (2011) observa que o discurso neoliberal propaga a ideia de que o mercado seria um agente mais capacitado que o Estado na tarefa de atender às demandas sociais e econômicas na atualidade. Entretanto, pode-se perceber, através das falas dos entrevistados 3 e 5, que o Estado – aqui representado pela prefeitura municipal – ainda consegue atuar de forma a proporcionar algum tipo de suporte para a área cultural, ainda que esse apoio seja instrumentalizado, quase que exclusivamente, na forma de editais. Ainda nesse indicador, outro fato chama a atenção. Apesar de observar inicialmente a respeito de seu relacionamento, baseado em trocas, com a prefeitura, o entrevistado 3 salienta, como será destacado no indicador “uso de técnicas empresariais”, que tal suporte não era suficiente para garantir a manutenção das atividades, fazendo com que o entrevistado deixasse de atuar como um projeto e passasse a atuar como uma empresa.

Além disso, deve-se destacar também que, embora a atuação da prefeitura se mostre limitada, por outro lado, a atuação estatal está presente de uma maneira mais considerável no que se refere à

atuação da Universidade Federal. Conforme ressaltado pelo entrevistado 6, devido ao fato de não se verificar aqui uma forte atuação do mercado, o papel da Universidade acaba alcançando certo destaque. Uma vez que essa instituição ocupa uma posição de grande importância na cidade, grande parte dos artistas e atores culturais locais acaba tendo algum tipo de ligação com ela. Dessa forma, conforme apontado pelo entrevistado 6, no indicador “mercado como agente central”, é compreensível que muitos artistas locais fiquem mais voltados à técnica e à produção acadêmica do que às interações mercadológicas.

No que se trata da autorresponsabilização – conceito este que se relaciona intimamente com a figura do empreendedor em uma ótica neoliberal –, foi possível identificar sua presença na fala de alguns entrevistados. Ao relatar as dificuldades que os envolvidos na área da dança na cidade de Pelotas encontram, o entrevistado 3 salienta a necessidade da conciliação de mais de um emprego entre os dançarinos e coreógrafos como maneira de continuar a exercer suas atividades:

O nosso objetivo é dançar, só que pra isso tu tem que ter... o mundo gira em torno de dinheiro. Tu tem que ter um emprego. E, às vezes, tu tendo que não é fazendo aquilo que tu gosta, tu acaba não tendo tempo, não podendo né. Então, a gente tenta... tenta fazer com que isso seja o nosso emprego e também aquela coisa que a gente gosta. Tem alguns que trabalham. Além de ser do grupo, ainda trabalham, né. Fazem outras atividades porque é complicado todo mundo se manter da dança. Mas, a partir desse ano, o nosso objetivo é isso. É quem já trabalha, vai ter um extra e, quem não trabalha, isso vai ter um serviço. (ENTREVISTADO 3)

Esse aspecto também pode ser verificado na pesquisa de Bendassolli e Wood Jr. (2010), quando constata a necessidade de conciliação de atividades paralelas às atividades artísticas, de forma a garantir uma maior estabilidade financeira e profissional no contexto cultural e artístico de São Paulo.

Nesse sentido, o entrevistado 4 discorre acerca dessa necessidade de o artista ser capaz de conhecer e exercer diversas funções que possam ser exigidas, destacando, dessa forma, a importância para o artista de conseguir executar diversas funções e, ao mesmo tempo, conciliá-las com seu trabalho artístico:

Aí, tipo, o cara que é artista, que foi trabalhar um pouco como produtor, ele também tem que saber um pouco de direito, pelo menos as leis que são necessárias pra ele. Mas eu acho que aí, nesse sentido, com essa coisa de rede, de internet, isso facilitou para as pessoas, ao mesmo tempo, se tornarem multimídia. (ENTREVISTADO 4)

Essa necessidade de conciliação de atividades e papéis também pode ser observada no ramo musical, através do relato do entrevistado 2:

Então, hoje em... na verdade já faz uns bons anos, acho que desde que eu comecei a acompanhar um pouco da produção cultural... acho que nos anos 2000, o cantor não é só cantor, o guitarrista não é só guitarrista, o baixista não é só baixista, e por aí em diante, tu tem que ser um músico completo e também tem que saber gerir uma banda. (ENTREVISTADO 2)

Ainda em relação à autorresponsabilização dos artistas no ramo musical, percebe-se que o discurso do entrevistado 5 vai ao encontro da observação do entrevistado 2, quando afirma:

O cara... meio que precisa ser o empreendedor de si... dentro desse conceito aí... mas, fazendo uma analogia com a questão da arte, acho que sim... empreendedor, sim, porque ele precisa... não vai cair no colo dele, né... ele tem que ir à luta...e, ele ir à luta hoje, tem acontecido de ele produzir o seu trabalho. E aí, nesse sentido, acho que sim, ele é empreendedor de si. Então, ele tem que dominar essa tecnologia de produção. Acho que, cada vez mais, a galera tem feito o seu empreendimento mesmo. (ENTREVISTADO 5)

No que se refere à autorresponsabilização, Loacker (2013) afirma que, uma vez que o Estado não garante mais o apoio à cena artística, artistas e organizações artísticas passam a se responsabilizar individualmente por sua condição de existência. (BARBOSA, 2011) A autora ainda complementa que, dadas as circunstâncias, esses artistas e organizações precisam se mostrar atrativos para terem alguma condição de concorrer a subsídios do governo ou ao apoio privado. Da mesma forma, pode-se perceber que a maioria dos atores culturais locais sente a necessidade de conhecer e desenvolver atividades paralelas ao seu trabalho como forma de buscar uma maior segurança e estabilidade, uma vez que não é possível ficar restrito apenas ao seu trabalho, à sua arte. Essa questão fica latente na fala do entrevistado 4, quando destaca a necessidade de os artistas se tornarem “multimídia”, no sentido de desenvolverem conhecimentos adjacentes na prática de suas atividades.

A afirmação do entrevistado 2 corrobora tal situação quando destaca que não é mais suficiente que o músico domine a técnica no seu instrumento, sendo-lhe exigido cada vez mais conhecimentos complementares à sua atividade original. Ainda nesse sentido, deve-se ressaltar a necessidade de conciliação de empregos, mais precisamente no segmento da dança. Conforme destacado pelo entrevistado 3, ainda não é possível sobreviver trabalhando apenas como dançarino/coreógrafo. Isso faz com que haja a necessidade de conciliação de empregos, de forma que o artista consiga se manter e, ao mesmo tempo, manter o seu trabalho artístico.

Mercado como agente central

Com relação ao traço “preocupação com o mercado”, pode-se identificar, através das falas dos entrevistados, que os atores envolvidos no cenário cultural consideram fundamental que o artista esteja atento às tendências, bem como às influências, oriundas do mercado.

Nesse sentido, essa necessidade de adequação ao mercado exerce grande influência aos artistas inseridos no ramo musical, conforme se pode perceber através da afirmação do entrevistado 2:

Mas, é muito complicado pra bandas, por exemplo, que já tão com três anos de existência, que são conhecidas aqui, que podem fazer um show autoral aqui, mas que tu vai pra uma outra cidade, tu quer fazer um show autoral, mas tu vai ter que tocar cover. E aí é complicado porque a banda satura. Eles não aguentam mais tocar a mesma música cover. Tem muitas bandas que não conseguem tocar as próprias músicas autorais porque fica essa vontade de produzir. Então tu tá louco pra produzir, mostrar teu trabalho de divulgação e já fazer outro disco ou fazer um show com músicas novas... autorais. Então... mas é aquela questão, tu tem que se adequar. (ENTREVISTADO 2)

Assim como no ramo musical, a área da dança passa por situação semelhante, fazendo com que os artistas desse meio precisem trabalhar com diversas modalidades como forma de manter sua posição no mercado, conforme é possível constatar a partir da fala do entrevistado 3:

É, na realidade, no estilo que a gente gosta... sinceridade... a gente se mantém... mas tu tem que diversificar porque se não... é no caso aqui... a gente tem dança de salão, não é uma coisa que o grupo trabalha, mas se tu não fizer isso, não vai conseguir pagar o aluguel. E até porque... as pessoas, por si próprias... nem todo mundo vai querer dança de rua. (ENTREVISTADO 3)

Essa preocupação com o mercado, que faz com que esses artistas diversifiquem sua atuação, pode ser relacionada com o exposto por Schumpeter (1988) acerca do conceito de destruição criativa. Segundo o autor, esse conceito, que seria uma importante característica do processo econômico, diz respeito à necessidade das empresas de substituir antigos produtos e processos por novos, de maneira a garantir sua sobrevivência.

Já no campo das artes visuais, essa preocupação com o mercado e a necessidade de alcançar determinados públicos ficam latentes através da fala do entrevistado 6, quando afirma que,

então, tem que saber o que que as pessoas estão querendo né? Qual é a necessidade. Ou, às vezes também... aqui é um lugar que não é muito no centro, então as pessoas não conhecem tanto, ou, às vezes, é mais distante pra pessoa se locomover até aqui. (ENTREVISTADO 6)

Nesse mesmo sentido, a preocupação com o mercado também pode ser caracterizada através da exigência de se quantificar o acesso ao público que determinado projeto é capaz de oferecer, no momento em que se escolhe qual projeto financiar através de editais, conforme se pode entender no discurso do entrevistado 7:

Aqui, pra aprovar projeto no Pró-cultura também. Mais de uma vez a gente foi chamado pra fazer parte de projeto que, até então a gente nem tinha relação – mas a gente faz parte de alguns que tem relação... por exemplo, o Paralelo 31, que a gente faz a mediação – mas é essencial que a gente coloque no projeto, demonstre a quantidade de gente que vai ser afetada pelo projeto...e aí os discursos educativos são o discurso de ouro. (ENTREVISTADO 7)

Essa relação entre mercado e os atores do contexto cultural parece se mostrar inevitável, mesmo para a realidade da cidade de Pelotas. Entretanto, de acordo com o discurso do entrevistado 5, é possível que haja essa relação sem que o artista, necessariamente, se deixe influenciar por essas tendências mercadológicas. Segundo o entrevistado 5,

é meio delicado isso né, porque depende de cada experiência. Eu acho que... eu não tenho uma visão romântica quanto a isso. Eu acho que tem que analisar mesmo a parte profissional do artista. O cara tem que pagar a luz dele, tem que pagar a internet, o telefone, tem que pagar o aluguel, tem que comer... entendeu? E, se essa é a profissão dele, é lógico que vai ter uma influência do mercado. Não tem como tu não ter toda uma influência da questão

mercadológica pra desenvolver o teu trabalho. Acho que o mercado influencia, sim. O que não quer dizer que, tu estar atento a questões de mercado, que tu vai fazer o teu trabalho direcionado só pro mercado. Não. Não é porque tu tá inserido numa questão mercadológica que tu vai te prostituir. (ENTREVISTADO 5)

Esse aspecto pode ser relacionado com o exposto por Bendassolli e Wood Jr. (2010), quando os autores discorrem acerca do que chamaram de “paradoxo de Mozart”, que seria essa situação conflitante do artista ao tentar conciliar sua criação artística com as demandas do público e do mercado.

Ao se abordar a competitividade, pode-se perceber que a cidade de Pelotas não possui ainda um mercado cultural fortemente estabelecido, ao contrário do que se percebe em cidades como Porto Alegre e São Paulo. Ainda assim, de uma forma mais ampla e gradual, a competitividade passa, sim, a ser considerada pelos entrevistados uma preocupação presente na vida dos artistas e atores culturais, conforme destaca o entrevistado 1:

Acho que sim... é meio isso como eu falei, descentralizou, assim, ficou fácil de fazer uma loja, ficou fácil de um artista lá no Acre se destacar, quando antigamente era mais difícil, tipo, a coisa é toda mais democrática e, por isso, mais concorrido, então, quem sabe, por exemplo, o que é uma RPA⁶ sai correndo na frente. São essas coisas assim, ficou mais difícil, a gente tem que saber mais coisas, de outros... de outras áreas afins, mas não atrapalha não. (ENTREVISTADO 1)

Por outro lado, o entrevistado 3, ao se referir especificamente à área da dança, afirma:

Claro, por ser uma cidade grande, o mercado é maior. Então tem mais pessoas trabalhando com essas atividades da dança. Só que, aí, o que que acontece... quem contrata se aproveita disso. “Ah, como tem muita gente, eu vou procurar o mais barato”. Não o que tem mais qualidade, entendeu. (ENTREVISTADO 3)

6 Recibo de pagamento a autônomo (RPA).

Essa observação vai ao encontro dos resultados levantados no estudo de Loacker (2013), no qual a autora relata que as principais mudanças destacadas pelos artistas e atores culturais entrevistados foram a redução do apoio estatal, ambiente de rivalidade, competição e insegurança. Além disso, essa concorrência e instabilidade, capazes de gerar a subvalorização do trabalho de artistas e atores culturais, podem ser relacionadas com a precarização do trabalhador, apresentada por Barbosa (2011), quando tal autor afirma que essas condições são produzidas através da fragilização das relações sociais dos trabalhadores, ou seja, através da dissociação de qualquer movimento coletivo.

Apesar disso, considerando-se o indicador “mercado como agente central” de uma maneira ampla, deve-se destacar que, apesar de ser uma das características fundamentais do neoliberalismo, esse indicador parece não ser considerado relevante para o cenário cultural pelotense, segundo os entrevistados, uma vez que, para eles, a cidade não possui um mercado cultural estruturado e desenvolvido, ao contrário do que se pode identificar em outras cidades do país. Deve-se pontuar, no entanto, a observação de alguns entrevistados com relação ao papel desempenhado pela Universidade e a função desenvolvida por ela, conforme fica claro na fala do entrevistado 7:

Por a gente não ter um mercado super presente, acaba que a atenção do artista vira pra produção acadêmica. Acho que por isso também a ideia do artista romântico, que tu citou, aqui em Pelotas ou nas cidades pequenas seja tão forte, porque não tem essa presença do mercado ditando o tempo e o que tá acontecendo agora e a demanda de agora... então, fica muito agarrada a essa ideia, por estar muito tempo também dentro da universidade, está muito agarrado à técnica, à produção acadêmica mesmo e fica muito em volta dessa ideia de artista romântico [...] eu não conheço tanto assim em relação a mercado, exatamente porque eu to dentro da universidade ainda, mas eu vejo, não sei se por eu estar aqui dentro ainda, que eu consigo reparar que existe um

investimento muito grande, financeiro, pra isso, exatamente pra universidade, pra edital de Pró-cultura, por exemplo, e não sei se o governo não tá sendo mais mercado do que o próprio mercado.
(ENTREVISTADO 7)

Nessa mesma linha, o papel da Universidade também é enfatizado no discurso do entrevistado 5:

A universidade também avançou. A universidade hoje tem graduação de Produção Fonográfica na Católica, música, cinema, teatro, dança... um monte de cursos na UFPEL. A universidade também qualificou a formação. Então, eu não sou pessimista em relação ao que o poder público e a universidade têm feito. Eu acho que eles poderiam fazer mais, mas, relativamente, vêm desenvolvendo um trabalho interessante nos últimos anos.
(ENTREVISTADO 5)

Conforme destacado por Simões e Vieira (2010), o cenário cultural também passa a se estabelecer em função do mercado, o qual passa a ser responsável pelos investimentos nesse contexto, principalmente através das leis de incentivo à cultura. Contudo, conforme salientado anteriormente, a ausência de observações acerca desse indicador se deve, principalmente, ao fato de a cidade de Pelotas não possuir ainda uma estrutura mercadológica estabelecida, na percepção dos entrevistados. Em contrapartida, de acordo com as falas dos entrevistados 5 e 7, deve-se destacar o importante papel desempenhado pela Universidade – tanto pública quanto privada, nesse caso –, não apenas no oferecimento de uma gama maior de cursos na área das artes, como também no apoio a projetos e eventos artísticos e culturais.

Adoção da forma empresa

Da mesma forma que os indicadores anteriores, o presente indicador, fundamentado principalmente nos estudos de Colbari (2014), Rodrigues (2013), Costa, Barros e Carvalho (2011) e Melo (2008), foi

dividido nos seguintes traços: formalização, linguagem e uso de técnicas empresariais.

Em relação à formalização, foi possível encontrar aspectos significativos relacionados a esse traço no discurso dos entrevistados. Conforme destaca o entrevistado 3, acerca da necessidade da regularização e formalização na área da dança:

É. Na realidade, a gente criou. A gente criou no final do ano passado um CNPJ, né. E esse CNPJ... até porque, nessa coisa de ir pra Las Vegas, a gente começou a ser chamado pra fazer algumas apresentações e tal...e o pessoal trabalha com esse lado jurídico. E aí a gente teve que criar um CNPJ. E aí hoje a gente tem um CNPJ. (ENTREVISTADO 3)

Nesse mesmo sentido, no ramo musical, também se nota a necessidade da formalização como forma de acesso a determinados tipos de investimento, como evidencia a fala do entrevistado 2:

*[...] porque, tendo este CNPJ, eu consigo inscrever a banda em outros festivais que necessitam disso, e projetos como o Procultura, daqui de Pelotas, enfim. Os artistas, os produtores, os próprios músicos da banda precisam ter um CNPJ, ter um MEI.*⁷ (ENTREVISTADO 2)

Quanto à “linguagem”, esse traço visa identificar a apropriação de expressões caracteristicamente empresariais por parte dos atores envolvidos na cena cultural da cidade. De forma a facilitar a visualização, tais expressões são elencadas e destacadas a seguir:

Agente tem que entender uma série de coisas, tipo, o que que é o MEI, [...] o que que é uma RPA, uma série de coisas. (ENTREVISTADO 1)

Tu tem que ser um músico completo e também tem que saber gerir uma banda. (ENTREVISTADO 2)

E a única maneira é tu captar recursos. (ENTREVISTADO 3)

.....
7 Microempreendedor Individual (MEI).

Tem que captar patrocínio. Tem que buscar nas leis de incentivo... tem outras coisas. (ENTREVISTADO 4)

... porque não tem essa presença do mercado ditando o tempo e o que tá acontecendo agora e a demanda de agora. (ENTREVISTADO 7)

Quando tu conseguir o patrocínio, tu vai ter um produto acabado, de boa qualidade, pra oferecer pra esse patrocinador? (ENTREVISTADO 4)

Em relação ao uso de técnicas empresariais, pode-se perceber que a adoção dessas ferramentas passa a se tornar cada vez mais presente no comportamento dos atores culturais entrevistados. A utilização dessas práticas e a apropriação do comportamento empresarial ficam nítidos no discurso do entrevistado 3, acerca de sua atuação na área da dança, quando afirma que,

hoje, a gente tenta fazer como se fosse uma empresa né? Pra poder se manter... pra poder sobreviver. Porque eu digo bem assim: logo ali ia acabar. Porque uma hora não ia ter esse suporte, esse apoio... e aí acabou né? (ENTREVISTADO 3)

Ressalte-se que essa observação também pode ser enquadrada no indicador “redefinição do papel do Estado”, uma vez que a necessidade de passar a se organizar e atuar como uma empresa parte da dificuldade em obter apoio do Estado para conseguir manter o desenvolvimento de suas atividades.

A relevância dessa apropriação por parte dos artistas também é destacada pelo entrevistado 1, quando afirma que,

[...] nem que seja, sei lá, desde coisas básicas até fazer um curso do Sebrae, qualquer coisa do tipo [...] a gente não aprende isso na faculdade, a gente aprende fazendo, assim, mas é isso, artista que não for gestor, não funciona. (ENTREVISTADO 1)

Essa questão da utilização dessas ferramentas e conhecimentos empresariais fica clara na fala do entrevistado 5, ao mesmo tempo

em que o entrevistado pontua não saber identificar exatamente se isso é bom para o artista do ramo musical ou não:

Então, existe toda uma discussão de que seria interessante os músicos estarem se apoderando de questão de disputar um edital, questão de fazer a gerência da sua carreira, através de redes colaborativas, de circulação. Mas eu não tenho muita clareza se isso é bom ou não. Porque, daqui a pouco, se o artista pudesse cuidar só da sua arte seria bacana também, né? Entendeu? Então, eu não tenho certeza se é legal o artista cuidar de todas as outras partes. Eu tenho a compreensão de que é necessário, cada vez mais, entendeu, ele estar se apoderando de instrumentos de disputar uma lei de incentivo à cultura, de estar gerenciando a sua própria carreira. Acho que é importante. Acho que é necessário. Não tenho a leitura se isso é bom ou não. Mas, acho que, nessa época de incerteza da questão mercadológica relacionada à música, eu acho que é importante. É um instrumento a mais que ele tem pra trabalhar a sustentabilidade. (ENTREVISTADO 5)

Entretanto, conforme destacado pelo entrevistado 7, essa necessidade de apropriação de um comportamento típico empresarial seria, na verdade, apenas visto com maior clareza nos dias de hoje, uma vez que isso já era vivenciado por artistas de outras épocas e não seria, dessa forma, uma particularidade dos artistas e atores culturais atuais:

Sim, ele tem que se autoproduzir e autogestionar. Mas eu não acredito que o artista, em algum momento, não teve que se autogestionar. Eu só acho que hoje, por estar inserido no que a gente tá vivendo, a gente enxergue estas ferramentas com mais clareza. [...] É, até porque, por exemplo, tu vai pegar na vanguarda do Modernismo, a própria ação de se colocar em grupo... isso também é uma maneira de se autogestionar. Tu assume uma identidade pra, a partir daquela identidade, te promover e te colocar no mercado. Então, não deixava também de ser uma estratégia. (ENTREVISTADO 7)

Tais considerações vão ao encontro do exposto por Bendassolli e Wood Jr. (2010), quando identificaram que artistas e profissionais do contexto cultural de São Paulo têm passado a utilizar, com frequência cada vez maior, ações tipicamente empresariais como, por exemplo, a diversificação de sua produção, de forma a agradar diferentes públicos e diminuir riscos, além da diminuição dessa produção, de maneira a reduzir a oferta e, conseqüentemente, tornar a obra mais valorizada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo-se das observações de Loacker (2013) acerca das novas configurações estabelecidas no cenário cultural na atualidade, este trabalho se propôs a analisar como o discurso empresarial passa a influenciar os artistas e atores culturais da cena alternativa da cidade de Pelotas e, mais precisamente, identificar como o discurso acerca do empreendedorismo impacta no desenvolvimento de suas atividades.

Enquanto autores como Foucault (2008), Dardot e Laval (2009), Hamann (2012) e Anderson (1995), entre outros, analisam e alertam para as mudanças impostas pelo modelo neoliberal em um sentido mais amplo, Loacker (2013) traz essa discussão para a realidade do contexto artístico e cultural, destacando as alterações visualizadas nesse cenário. Em seus estudos, a autora salienta a resignificação imposta à figura do artista, o qual deixa de ter aquela clássica imagem romântica e rebelde, à margem da sociedade, para ser considerado um empreendedor cultural, digno de ocupar um espaço nesta nova disposição social.

Dessa maneira, ao iniciar esta pesquisa, pretendia-se analisar como essa realidade, claramente visível em outras localidades e contextos, era percebida na cidade de Pelotas, através do contato com os principais artistas e grupos artísticos locais. Logo de início percebeu-se que, ainda que seja possível identificar nítidos traços de influência do mercado sobre o trabalho dos artistas, essa influência

mostrou-se ainda muito incipiente. Isso se deve ao fato de a cidade de Pelotas não registrar ainda uma presença mercadológica consideravelmente estabelecida.

Nessa mesma linha, outro ponto que deve ser destacado diz respeito à atuação da Universidade no cenário cultural pelotense. Conforme ressaltado pelo entrevistado 6, devido ao fato de não se verificar aqui uma forte atuação do mercado, o papel da Universidade acaba alcançando certo destaque. Uma vez que essa instituição ocupa uma posição de grande importância na cidade, grande parte dos artistas e atores culturais locais acaba tendo algum tipo de ligação com ela. Dessa forma, conforme apontado pelo entrevistado 6, é compreensível que muitos artistas locais fiquem mais voltados à técnica e à produção acadêmica do que às interações mercadológicas.

Quanto ao indicador “papel do Estado”, pode-se notar que os entrevistados identificam as mudanças que podem ser visualizadas atualmente no contexto cultural e artístico, ainda que algumas delas não sejam ainda tão presentes na realidade de Pelotas.

Quanto à redefinição do papel do Estado pode-se perceber, através das falas dos entrevistados 3 e 5, que o Estado – tomando-se inicialmente apenas a atuação da prefeitura municipal – ainda consegue atuar de forma a proporcionar algum tipo de suporte para o cenário cultural, ainda que esse apoio seja instrumentalizado, quase que exclusivamente, na forma de editais. Ainda nesse traço, outro fato chama a atenção. Apesar de observar inicialmente acerca de seu relacionamento, baseado em trocas, com a prefeitura, o entrevistado 3 destaca que tal suporte não era suficiente para garantir a manutenção das atividades, fazendo com que o entrevistado deixasse de atuar como um projeto e passasse a atuar como uma empresa.

Contudo, deve-se destacar também que, ao longo do estudo, se percebeu a importância do papel desempenhado por outra instituição que também está relacionada com a figura do Estado: a Universidade. Foi possível perceber que esse agente possui uma destacada atuação em relação ao cenário cultural local, não apenas

atuando na promoção de eventos e de espaços propícios para as manifestações culturais e artísticas, como também na formação de agentes culturais e artistas locais.

Quanto à autorresponsabilização, pode-se perceber que a maioria dos artistas e atores culturais locais sente a necessidade de conhecer e desenvolver atividades paralelas ao seu trabalho como forma de buscar uma maior segurança e estabilidade, uma vez que não é possível ficar restrito apenas ao seu trabalho, à sua arte. Essa questão fica latente na fala do entrevistado 4, quando destaca a necessidade de os artistas se tornarem “multimídia”, no sentido de desenvolverem conhecimentos adjacentes à prática de suas atividades. A afirmação do entrevistado 2 corrobora nesse sentido, quando destaca que “o cantor não é só cantor, o guitarrista não é só guitarrista, o baixista não é só baixista, e por aí em diante, tu tem que ser um músico completo e também tem que saber gerir uma banda”. (ENTREVISTADO 2)

Ainda nesse sentido, deve-se ressaltar a necessidade de conciliação de empregos, mais precisamente na área da dança. Conforme destacado pelo entrevistado 3, ainda não é possível sobreviver trabalhando apenas como dançarino/coreógrafo. Isso faz com que haja a necessidade de conciliação de empregos, de forma que o artista consiga se manter e, ao mesmo tempo, manter o seu trabalho artístico.

Em relação ao indicador “adoção da forma empresa”, seus traços se mostraram mais facilmente identificáveis e foram notados de maneira significativa nas respostas dos entrevistados, demonstrando que o discurso acerca do empreendedorismo e do empreendedor cultural, juntamente com seu reflexo, são uma realidade atualmente.

No primeiro traço do indicador “formalização”, pode-se perceber, através da grande maioria das respostas dos entrevistados, que a regularização e formalização se mostram como uma necessidade básica para artistas e atores culturais da cidade de Pelotas desenvolverem suas atividades atualmente. Pode-se notar, principalmente através das falas dos entrevistados 2 e 3, que a formalização se torna

um aspecto fundamental para que o artista esteja apto a concorrer a programas de financiamento e também para o estabelecimento de parcerias.

Em relação à linguagem, pode-se observar que esse traço é facilmente visualizado nas respostas dos entrevistados. Através da análise de expressões utilizadas pelos artistas e atores culturais ouvidos, pode-se concluir que estes passam a utilizar, com frequência e naturalidade cada vez maior, termos característicos de uma empresa. Conforme destacado na análise de dados, essas falas vão desde expressões mais comuns como “captar recursos” e “produto acabado” até expressões mais específicas, como “RPA” e “MEI”, por exemplo.

Quanto ao uso de técnicas empresariais, esse é outro traço que ficou bastante claro nas respostas dos entrevistados. Destaca-se aqui, no entanto, uma resposta que mais chama a atenção. Essa fala, do entrevistado 3, pontua claramente as dificuldades em se manter como um projeto na área da dança, surgindo, dessa forma, a necessidade de adoção de princípios e comportamentos empresariais:

Hoje, a gente tenta fazer como se fosse uma empresa né? Pra poder se manter... pra poder sobreviver. Porque eu digo bem assim: logo ali ia acabar. Porque uma hora não ia ter esse suporte, esse apoio... e aí acabou né? (ENTREVISTADO 3)

Em relação à preocupação com o mercado, assim como o indicador anterior, esse foi um aspecto bastante visualizado nas falas dos entrevistados. Pode-se perceber que a maioria deles considera necessário que o artista preste atenção às influências mercadológicas. Dessa forma, infere-se que, nos dias de hoje, os artistas e atores culturais não conseguem apenas trabalhar a sua arte, da maneira como a entendem. Eles precisam estar atentos às demandas de mercado e devem ser capazes de encontrar uma forma de equilibrar essa complicada equação entre demandas internas e externas.

Em relação à competitividade, pode-se notar que, ainda que esse aspecto não seja tão fortemente visualizado no cenário estudado – exatamente por ainda não existir uma forte influência mercadológica –, esse traço pode ser encontrado no discurso dos entrevistados. A fala do entrevistado 3, mais especificamente, deixa claro que a competitividade torna a área da dança na cidade de Pelotas bem concorrido. O reflexo direto disso, citado pelo entrevistado, é a necessidade de manter baixos preços para não correr o risco de perder a oportunidade de trabalho.

Ainda com relação à preocupação com o mercado, deve-se pontuar que, quando perguntados se essas demandas acabavam por influenciar ou atrapalhar seus trabalhos, os entrevistados 1, 2, 4 e 5 afirmaram que não, ou seja, que, apesar dessas influências, o trabalho criativo não é afetado. Já os entrevistados 3, 6 e 7 afirmaram que, dependendo do artista ou do contexto, essas influências podem, ou não, interferir.

Dessa maneira, após a análise e interpretação da categoria estabelecida, além de seus indicadores e traços, pôde-se verificar que, apesar de não existir ainda uma forte presença mercadológica na cidade de Pelotas, os entrevistados percebem as alterações ambientais e sociais resultantes do crescimento do programa neoliberal. Tal verificação se baseia na percepção de fatores como o aumento da competitividade, a autorresponsabilização e a redução do papel estatal no apoio ao cenário cultural, bem como a seus integrantes.

Além disso, pôde-se perceber também que o discurso acerca do empreendedorismo tem realmente apresentado uma grande influência sobre os atores investigados. Isso fica evidente pelo fato de os artistas e atores culturais ouvidos sentirem a necessidade de aliar técnicas e comportamentos tipicamente empresariais ao seu trabalho artístico. Soma-se a isso, ainda, a linguagem empresarial, que se torna cada vez mais frequente e naturalizada entre artistas e atores culturais. Dessa forma, a partir do material levantado, é possível presumir que a figura do empreendedor cultural é, sim, uma

realidade cada vez mais presente, inclusive no contexto cultural da cidade de Pelotas.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, P. In: SADER, E.; GENTILI, P. (Org.). *Pós-neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado democrático*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995. p. 9-23.

BARBOSA, A. M. e S. O empreendedor de si mesmo e a flexibilização no mundo do trabalho. *Revista de Sociologia e Política*, Curitiba, v. 19, n. 38, p. 121-140, fev. 2011.

BENDASSOLLI, P. F.; WOOD JR., T. O paradoxo de Mozart: carreiras nas indústrias criativas. *Revista Organizações e Sociedade*, Salvador, v.17, n. 53, p. 259-277, abr./jun., 2010.

COLBARI, A. de L. Empreendedorismo e capital social no discurso institucional do Sebrae. *Revista Simbiótica*, Vitória, v. único, n. 6, p. 1-25, jun. 2014.

COSTA, A. M. da; BARROS, D. F.; CARVALHO, J. L. F. A dimensão histórica dos discursos acerca do empreendedor e do empreendedorismo. *Revista de Administração Contemporânea*, Curitiba, v. 15, n. 2, p. 179-197, mar./abr. 2011.

COSTA, S. de S. G. Governamentalidade neoliberal, teoria do capital humano e empreendedorismo. *Revista Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 171-186, jun. 2009.

DANTAS, E. B. Empreendedorismo e intra-empendedorismo: é preciso aprender a voar com os pés no chão. *Booc*, 2008. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/dantas-edmundo-empendedorismo.pdf>>.

DARDOT, P. ; LAVAL, C. *La nouvelle raison du monde: essai sur la société néolibérale*. Paris: La Découverte, 2009.

FILION, L. J. Empreendedorismo: empreendedores e proprietários-gerentes de pequenos negócios. *RAUSP*, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 5-28, abr./jul.1999.

FOUCAULT, M. *O nascimento da biopolítica*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

- HAMANN, T. H. Neoliberalismo, governamentalidade e ética. *Ecopolítica*, São Paulo, v. 3, p. 99-133, 2012.
- LEITE, E. da S.; MELO, N. Maximo e. Uma nova noção de empresário: a naturalização do “empreendedor”. *Revista de Sociologia e Política*, Curitiba, v. 16, n. 31, p. 35-47, nov. 2008.
- LOACKER, B. Becoming ‘culturpreneur’: How the ‘neoliberal regime of truth’ affects and redefines artistic subject positions. *Culture and organization*, United Kingdom, v. 19, n. 2, p. 124-145, 2013.
- LÓPEZ-RUIZ, O. J. *O ethos dos executivos das transnacionais e o espírito do capitalismo*. 2004. 385 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.
- MELO, N. M. e. *Sebrae e Empreendedorismo: origem e desenvolvimento*. 2008. 156 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2008.
- MINAYO, M. C. de S. (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 19. ed.. Petrópolis: Vozes, 2001.
- RODRIGUES, M. S. *O novo ministério da verdade: o discurso de VEJA sobre o campo do Ensino Superior e a consolidação da empresa no Brasil*. 2013. 410 f. Tese (Doutorado em Administração) – Centro Sócio-Econômico, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.
- SANTIAGO, E. G. Vertentes teóricas sobre o empreendedorismo em Schumpeter, Weber e McClelland: novas referências para a sociologia do trabalho. *Revista de Ciências Sociais*, Fortaleza, v. 40, n. 2, p. 87-103, 2009.
- SCHUMPETER, J. A. *Teoria do desenvolvimento econômico: uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e o ciclo econômico*. São Paulo: Nova Cultural, 1988.
- SIMÕES, J. M.; VIEIRA, M. M. F. A atuação do estado e do mercado na trajetória do campo organizacional da cultura no Brasil. In: VIEIRA, M. M. F.; RODRIGUES, M. S.; SILVA, R. C. da. *Cultura, mercado e desenvolvimento*. Porto Alegre: Dacasa, 2010.
- TAVARES, L. F. *Condenados a vencer: a atuação do SEBRAE na produção discursiva do indivíduo empreendedor de si mesmo*. 2014. 156

f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Instituto de Sociologia e Política, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2014.

VIEIRA, M. M. F.; ZOUAIN, D. M. (Org.). *Pesquisa qualitativa em administração*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.